

Concepções de professoras e professores de biologia em formação, sobre “identidade de gênero”

Concepts on "gender identity" by biology teachers in training

Antonio Mauricio Fontinele de Freitas

Escola Estadual de Ensino Fundamental Instituto Odilon Prata, Brasileia, Acre.

E-mail: maufontinele11@gmail.com

Marcos Oliveira de Araujo

Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Acre. E-mail: marcosoliara@gmail.com

Yonier Alexander Orozco Marin

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: apmusicomano@gmail.com

Resumo

Na conjuntura política atual do Brasil e da América Latina, debates e silenciamentos sobre gênero e sexualidade na escola adquirem mais relevância. O objetivo do trabalho foi analisar as concepções explicitadas por parte de um grupo de docentes de biologia em formação sobre “identidade de gênero”, durante a participação em uma oficina pensada para trabalhar esse assunto. Considerando os elementos de uma pesquisa qualitativa, os participantes da oficina foram questionados antes e depois da oficina sobre sua concepção de “identidade de gênero”. As leituras e análises das respostas permitiram identificar concepções agrupadas em três sentidos: a) biológico-deterministas; b) políticos e de direitos, e c) da “arte de ser”. Sugerindo a necessidade de pensar e melhorar a formação sobre questões de gênero nas futuras e futuros professores de biologia.

Palavras chave: Educação sexual, Ensino de ciências, Estudos de gênero, Sexualidade.

Abstract

In the current political conjuncture of Brazil and Latin America, debates and silencings about gender and sexuality in the school acquire more relevance. The objective of this work was to analyze the explicit beliefs of a group of biology teachers in training on "gender identity" during the participation in a workshop designed to work on this subject. Considering the elements of a qualitative research, workshop participants were asked before and after the workshop about their conception of 'gender identity'. The readings and analysis of the answers

allowed to identify beliefs grouped in three senses: a) biological-deterministic; b) political and rights, and c) the "art of being." Suggesting the need to think about and improve training on gender issues in future biology teachers.

Key words: Gender studies, Science education, Sexual education, sexuality.

Introdução

Ainda em muitos contextos escolares é defendido o imaginário de que os assuntos sobre gênero e sexualidade devem ser abordados, às vezes exclusivamente, pelos professores de biologia. A biologia como disciplina escolar fundamenta uma perspectiva orgânica e material do corpo, que tira, e às vezes desvaloriza os aspectos das identidades, subjetividades e emoções dos sujeitos das comunidades escolares.

Como menciona Orozco (2017) a biologia, nos seus conteúdos, metodologias e atitudes, está permeada por valores construídos culturalmente. Valores que procuram dotar de cientificidade à biologia, defendendo que esta é o reflexo da realidade orgânica dos corpos. Dessa maneira, para a biologia, os assuntos de gênero, especialmente a questão da identidade de gênero, são culturais e são construídos em base de uma realidade orgânica dos corpos determinada geneticamente. Porém, segundo o autor, hoje se tem evidência de que os discursos binários e heteronormativos sobre sexo e gênero na biologia, são construídos a partir de um substrato social e cultural, do qual muitas vezes nem os cientistas, nem os professores são cientes.

Segundo Plaza, Galli e Meinardi (2015), os professores de ciências orientam suas práticas, fundamentados em diversos conhecimentos que constituem seu conhecimento profissional. Esses conhecimentos não correspondem exclusivamente a aqueles adquiridos na formação inicial ou não formação acadêmica. Além dos valores, procedimentos e conteúdos do saber disciplinar, didático e pedagógico, os professores também interiorizam conhecimentos na sua história pessoal e profissional. Nesse sentido, o professor constrói e naturaliza crenças, as quais são percepções e juízos de valor que orientam algumas ações dos mesmos, mas que dificilmente são explicitadas.

Crenças binárias e heteronormativas sobre gênero e identidade de gênero costumam sustentar as práticas de ensino de biologia de alguns professores (PLAZA, GALLI, MEINARDI, 2015). Crenças que contrastam com outras identidades marginalizadas e invisibilizadas na sociedade, como as transidentidades (mulheres trans, homens trans, travestis, pessoas não binárias), que não se encaixam nos moldes preestabelecidos pela biologia e desafiam as categorias fechadas construídas para contornar e definir as identidades das pessoas (controlar os corpos).

Como aponta Marlene Wayar (2007), uma ativista, psicóloga e travesti argentina, com as travestis acharemos narrativas de constituição identitária fluidas e questionadoras dos moldes nos quais a sociedade e a biologia insistem em encaixar binariamente o gênero e identidade das pessoas. Wayar menciona que as travestis latinas se declaram abertamente partidárias do erro, da heterogeneidade, do caos, não querem perfeição e moldes fechados, não querem o 99,9% de acerto que a biologia tanto procura. Ela defende que o desejo instalado na sociedade

de reforçar esses moldes e vigiar que as pessoas encaixem neles, causa doença psíquica, social, política, econômica e cultural para todos. Elas lutam pela arte de ser¹!

Este trabalho teve por objetivo analisar as crenças e concepções explicitadas por parte docentes de biologia em formação sobre “identidade de gênero”, durante a participação em uma oficina pensada para trabalhar esse assunto.

Metodologia

Contextualização, descrição e metodologia da Oficina.

A oficina, com duração de quatro horas, foi realizada no contexto da IX edição da Semana Acadêmica de Biologia do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Acre (UFAC), realizada em setembro de 2018. Os 18 participantes eram todos licenciandas e licenciandos do citado curso, a maioria estavam nos períodos iniciais, com exceção de uma única estudante que já estava no último período do curso.

A oficina, intitulada “Inclusão e/ou exclusão? Questionamentos e explorações sobre os desafios e possibilidades para abordar a diversidade de gênero no ensino de Ciências”, tinha como objetivo promover um espaço de diálogo, encontro e reflexão sobre as possibilidades e desafios para abordar questões de gênero(s) e sexualidade(s) no ensino de ciências. Numa tentativa de ampliar as concepções dos professores em formação inicial acerca da diversidade e complexidade das questões de gênero e sexualidades apagadas e marginalizadas (transidentidades, homossexualidade, bissexualidade, violência contra a mulher, equidade de gênero) no ensino de Ciências, buscando assim promover a discussão de práticas pedagógicas que visam à justiça social e a liberdade, na perspectiva de Freire (2005).

A atividade desenvolveu-se em quatro momentos (tabela 1). No primeiro pediu-se que os participantes respondessem uma questão: Quais suas concepções acerca das questões de identidades de gênero? As respostas foram escritas em papel pelos participantes. Por motivos éticos, não foi solicitado aos participantes nenhum dado de identificação e foi assinado termo de livre consentimento para o uso desses dados na pesquisa.

Momentos	Atividades
Momento 1	Questão dirigida para explicitar concepções
Momento 2	Discussão dos temas motivadores

¹ A “arte do ser” é um ato político explícito no discurso e no corpo. Corpos que falam e libertam.

Momento 3	Atividade sobre a personagem pública Tiffany Abreu: ampliando conhecimentos sobre a transgeneridade e a transexualidade.
Momento 4	Retomada da questão inicial

Tabela 1: Metodologia da oficina Inclusão e/ou exclusão? Questionamentos e explorações sobre os desafios e possibilidades para abordar a diversidade de gênero no ensino de Ciências.

No segundo momento, abordaram-se temas motivadores para a elaboração da oficina, dentre os quais estavam os grandes índices de feminicídio no Brasil, aumento da violência contra a mulher e os efervescentes crimes de ódio às comunidades LGBTQ⁺ no nosso país. Mostrou-se dados e reportagens acerca das temáticas, dirigiu-se algumas questões para debate como: Qual o Papel/Responsabilidade da Escola diante desta realidade? O que pode ser feito no ensino das Ciências Naturais? Será possível fazer um diálogo entre essas temáticas e nossas práticas docentes? Será que nossas práticas (e a escola em geral) contribuem com essa realidade? Lembre-se do ensino fundamental e o Ensino Médio, lembra quantas vezes e em quais contextos foram abordados temas como, igualdade de gênero, feminidade e masculinidade, identidade de gênero? Quais os corpos e sujeitos que aparecem nos livros didáticos e currículos de ciências naturais? Quais os corpos e sujeitos que temos em nossas salas de aula? Abrindo espaço para diálogos e discussões com os participantes.

O terceiro momento constitui-se de uma atividade acerca de uma reportagem que repercutiu na TV e na Internet, o caso de Tiffany Abreu, jogadora de voleibol aceita na superliga feminina. A polêmica envolvida no caso estava no fato da jogadora ser uma mulher transgênero², participando do time de vôlei feminino. Neste momento dividiram-se os participantes em quatro grupos e entregamos aos mesmos três cartões, constando três argumentos acerca do caso referido, um baseado em conhecimentos Químicos (cartões azul), um baseado em conhecimentos Biológicos (cartões verde) e um baseado em conhecimentos das Ciências Sociais (cartões rosa), sendo ao todo doze cartões distribuídos, quatro contendo argumentos de cada ciência. Deixou-se claro que o objetivo da atividade não era aferir juízo de valor sobre a jogadora que permitisse ou não que a mesma participasse da liga feminina, mas sim ampliar os conhecimentos sobre a transgeneridade e a transexualidade tendo como tema gerador o caso citado. Os professores em formação liam em voz alta cada cartão recebido e discutíamos o conteúdo do mesmo pelo ponto de vista científico envolvido.

No quarto e último momento retomou-se a questão inicial, solicitou-se novamente aos participantes responder à primeira pergunta.

Análise das respostas dos participantes.

² Optamos por não dar uma definição pronta do conceito transgênero ou transexual. Uma discussão mais aprofundada sobre algumas maneiras de entender esse conceito é apresentada nos resultados.

A análise das respostas dos participantes foi orientada pelo paradigma qualitativo de pesquisa (SOUZA, 2004). É importante realizar alguns esclarecimentos sobre o fato de realizar a mesma pergunta no começo e no final da oficina:

1. Não se trata de um pré e um pos-teste. Já que o objetivo do trabalho é se aproximar ao conhecimento das concepções dos professores sobre identidade de gênero. Entendemos que uma oficina não necessariamente muda as concepções dos sujeitos participantes.
2. Entendemos a importância das condições de produção do discurso. Todo discurso é construído em determinadas condições. As colocações dos sujeitos participantes estão condicionadas por possíveis antecipações, pensadas de acordo ao que eles consideram que esperamos encontrar nas respostas deles. Os dois sujeitos ministrantes da oficina são abertamente homossexuais, aspecto que sugere possíveis cuidados que os participantes podem ter na hora de se colocar.
3. Dessa maneira, destacamos que mesmo reconhecendo essas limitações, a oficina pode contribuir para oferecer outras perspectivas para entender a identidade de gênero, e assim, explicitar e refletir sobre concepções dos professores, mesmo que seja superficialmente.

Para análise, realizou-se leitura do conteúdo colocado nas respostas dos participantes, à luz dos discursos biológicos e biomédicos sobre gênero, dos discursos sociais e políticos, e dos discursos produzidos pelas próprias transidentidades sobre esses assuntos. A partir dessas análises, foram agrupadas as falas, e construídas três categorias que se referem aos sentidos e crenças dos participantes em relação às questões de identidade e igualdade de gênero.

Não foi nosso interesse associar às falas com a idade, gênero, sexo, período, ou condição econômica do participante. Analisamos unicamente as respostas e seu conteúdo.

Resultados e discussão

A importância do molde: sentidos da biologia determinista

*“Identidade de gênero, mostra como a pessoa se apresenta a outras sem negar sua **essência** (bem-estar), **mostrar como ela realmente é**, não importando se está em um **corpo errado** ou não. Mostrando seu gênero e suas preferências, independente de cor, raça, etnia, rico, pobre e etc.”* Sujeito a.

*“Igualdade de gênero é que os **dois sexos (masculino e feminino)** tenham direitos iguais, incluindo salário e cargos de trabalho. A identidade de gênero par mim é a pessoa ser livre para **escolher a identidade que quiser** (pan, bi, gay, lésbica) e acho que ser feliz com o seu **próprio eu**.”* Sujeito b.

Entendemos que nesta categoria encaixam as concepções que mostram uma preocupação com os moldes binários do masculino e o feminino e/ou que, além disso, se sustentam na concepção de que estas características são determinadas pela essência da pessoa. Uma

essência que não é construída, e tal vez, é determinada desde o momento do nascimento.

As expressões “*um corpo errado*” e “*dois sexos*” como elementos que ressaltam uma realidade orgânica do corpo determinada biologicamente, representam concepções de identidade de gênero que de alguma maneira, sempre são associadas a essa “realidade orgânica”. Sem discutir as circunstâncias sociais e culturais nas quais a biologia construiu essa “realidade” (OROZCO, 2017).

Estas crenças não fecham as possibilidades para que a pessoa expresse sua identidade de gênero, mas implica que esta identidade sempre será interpretada como um desvio, ou em relação a uma “essência” ou “natureza”, determinada biologicamente.

A importância dos direitos: sentidos políticos

*“Ter os mesmos **direitos**, onde na minha concepção os **direitos são para todos** não importa o gênero. Na minha concepção a identidade deve ser algo próprio, algo **de sua própria escolha** e não algo determinado.”* Sujeito c.

*“A necessária busca pela **igualdade perante a sociedade**, tanto com deveres, quanto, principalmente, em **direitos**. É a forma com a qual a pessoa se identifica **perante a sociedade**.”* Sujeito d.

Nestas colocações se faz evidente uma preocupação por ressaltar o papel social e político da identidade de gênero. A preocupação mais importante não é definir a identidade de gênero dentro de moldes construídos pela biologia ou na cultura. Mas sim entender que a própria constituição da identidade depende de um processo social, que deve ser garantido por meio do exercício de deveres e direitos. A identidade é um direito.

Expressões como “*os direitos são para todos não importa o gênero*” e “*perante a sociedade*”, implicam a importância de valores democráticos na inclusão e valorização social de todas as identidades de gênero. Nesse sentido, não é suficiente reconhecer a diversidade de gênero, mas também se faz necessário criar espaços para o diálogo, a livre e plena constituição identitária e a valorização da diversidade.

Nestas percepções, a questão da identidade de gênero não é colocada exclusivamente no indivíduo que constrói sua identidade e sua realidade orgânica. Ganha mais importância o contexto social e político e as condições culturais que limitam ou permitem o livre desenvolvimento das pessoas e suas identidades. No ensino de Ciências, estas concepções sugerem que é possível abrir espaços nas aulas de Ciências para discutir e debater as condições sociais, políticas e culturais de nossa sociedade, em relação à identidade de gênero, e não ficar só na explicação de conceitos como sexo biológico e genética.

A importância de quebrar a norma: sentidos de “arte de ser”

“Na minha concepção a sociedade não deve definir o que é uma imagem de um homem ou de mulher, e nem dizer o que um deve ter e outro não.”

Cabe à própria pessoa decidir algo que lhe deixe bem e confortável com a escolha dela.” Sujeito e.

Somente uma colocação mostrou uma aproximação com os sentidos de “arte de ser” defendidos pelas transidentidades, especificamente as travestis da América Latina. Concepção que coloca a questão da identidade de gênero como uma categoria que convida a questionar os moldes construídos pela sociedade, sendo o mais importante se sentir confortável. Nos sentidos das travestis, não é suficiente com que a identidade de gênero seja reconhecida como um direito político, pois é necessário que a própria diversidade da identidade de gênero gere e construa questionamentos e desafios aos valores culturais que defendem os moldes como normas por ser da “natureza”. A “arte de ser” pretende questionar os sentidos biológicos e culturais que amarram e definem os corpos.

A expressão “*a sociedade não deve definir o que é uma imagem de um homem ou de mulher*” pode ser lida como que a sociedade não deveria ter como preocupação central categorizar e definir os corpos para normalizar e controlá-los. Porém, é importante destacar, que inclusive na “arte do ser”, estas categorias são importantes para a luta política e a conquista de direitos. Uma coisa é defender a identidade de gênero para produzir moldes e normalizar, outra coisa é defender a identidade de gênero em contextos de assimetria de poder onde algumas identidades são desvalorizadas e marginalizadas.

As identidades travestis são complexas e não podem ser reduzidas à questão da transição de um gênero para outro considerado oposto. Ser travesti é um ato de (re)existência, questionando os moldes que causam doenças físicas e sociais nas pessoas, os limites que nos impedem ser livres (WAYAR, 2007). Sendo assim a “arte de ser”, é um aspecto totalmente desafiador para a biologia e seu ensino, como ciência preocupada em construir categorias, dividir e hierarquizar.

Considerações finais

As transidentidades são experiências humanas de (re)existência questionadora. O gênero toma forma socialmente de diversas formas que categorizá-lo única e exclusivamente pela biologia torna-se um ato de controle sobre os indivíduos. Neste contexto, formar professores capacitados e abertos a essas discussões vem se tornado uma questão de justiça social para com estas pessoas.

A análise dos questionários aponta que após a oficina, os professores em formação expressaram idéias mais abrangentes acerca da temática de gênero, mesmo que com algumas concepções ainda não tão transgressoras, estes conseguiram compreender as questões de gênero não exclusivamente do ponto de vista binário e heteronormativo (sentido determinista), expressando a importância do respeito, da cidadania (sentido político) e do direito de existir sem opressão (arte de ser).

A pesquisa aponta que mais ações reflexivas como esta devem continuar a existir na formação inicial de professores, não somente de biologia, visto que o ensino de ciências como um todo tem como foco a formação para a cidadania e para a vida.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

OROZCO, Y. Reflexiones epistemológicas necesarias para pensar la formación del profesor de biología sobre cuestiones de género. *Revista Biografías*, Edición extraordinaria, p. 383-390, 2017.

PLAZA, M.; GALLI, L.; MEINARDI, E. La reflexión metacognitiva como estrategia para trabajar las creencias de sexualidad y género en la formación docente. *Revista del IIEC*, n. 38, p. 63-74, 2015.

SOUZA, H. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e pesquisa*, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

WAYAR, M. Editorial. *El teje*, v.1, n.1, 2007, p. 2-3.